



JS 24 – A ASSEMBLEIA DE SIQUÉM: ISRAEL ESCOLHE SERVIR AO SENHOR

Introdução

O livro de Josué é uma espécie de crônica de cerca de 20 anos da liderança de Josué, a quem Moisés passou o mandato de pastorear o povo de Deus e levá-lo à Terra Prometida (cf. Dt 31,1-8).

No livro podemos identificar três partes:

- a) Cap. 1-12: entrada e conquista da Terra Prometida;
- b) Cap. 13-21: instruções sobre a repartição da Terra Prometida;
- c) Cap. 22-24: indicações finais e a Assembleia de Siquém.

No último capítulo, após a conclusão da primeira fase da conquista, Josué, já idoso, antes de se retirar, sentiu a necessidade de reunir os representantes de todo o povo em Siquém, antiga cidade cananeia situada entre os dois montes Garizim e Ebal. Essa convocação foi a atuação de uma ordem dada por Deus em Dt 11,29-32.

Por que Siquém?

Siquém não foi escolhida ao acaso. Bem antes da entrada dos israelitas em Canaã, esse local, devido à sua posição no meio da Palestina, ao longo da via interna que ligava o Egito à Ásia, tinha grande importância estratégica.

Nesse lugar havia acontecido uma série de fatos importantes.

- a) Foi ali que Abraão parou vindo de Ur e ali Deus lhe apareceu pela primeira vez (cf. Gn 12,6-8);
- b) Jacó morou em Siquém, onde comprou um campo no qual, muito tempo depois, seu filho José foi sepultado (cf. Gn 33,18-19; Js 24,32);
- c) Ali Jacó erigiu um altar ao Deus de seus pais e o chamou “El, Deus de Israel” (cf. Gn 33,20);
- d) Precisamente em Siquém, Simeão e Levi se vingaram pelo que Siquém havia feito a Diná, sua irmã (Gn 34);
- e) Debaixo do carvalho que fica perto de Siquém, os ídolos que Raquel tinha trazido da casa de Labão (cf. Gn 31,34) foram enterrados por Jacó (cf. Gn 35, 1-4);
- f) Nesse lugar, entre os montes Ebal e Garizim, Josué já tinha reunido o povo para uma Assembleia e renovado a aliança (cf. Js 8,32-35).

Siquém, portanto, era o lugar da memória e da fidelidade. Acabou se tornando a “capital” da confederação israelita e foi precisamente o primeiro santuário onde ficou a Arca da Aliança até que, sob o reinado de Davi (aprox.. 1000 a.C.), foi substituída por Jerusalém.

Siquém se tornou a capital do Reino do Norte sob Jeroboão quando, com a morte de Salomão, em 931 a.C., o reino se dividiu.

Por fim, no Novo Testamento, Siquém aparece com o nome aramaico de “cidade de Sicar”, onde Jesus encontrou a samaritana (cf. Jo 4,5).

A Assembleia de Js 24

Josué, já idoso, convocou todas as tribos de Israel, os anciãos, os chefes, os juízes e os intendentess. E todos se apresentaram “diante de Deus” em Siquém. Ali, repassa a história da aliança e exorta a abandonar os ídolos que os ancestrais cultuavam “do outro lado do rio Eufrates (Mesopotâmia) e no Egito”. Mas, qual o motivo dessa nova exortação, se todo o povo comandado por ele já sabia do amor ciumento do Senhor? Por que, de novo, se renova a aliança e se escreve uma cópia da Lei de Moisés?

Uma nota da “Bíblia de Jerusalém”, no início do cap. 24 traz uma informação importante: *“A fé em lahweh, trazida pelo grupo que Josué conduziu, é proposta por*

ele a outros grupos que ainda não tinham ouvido falar dela. Estes não estiveram no Egito e não se beneficiaram com as maravilhas do Êxodo e da revelação do Sinai; contudo, não são cananeus e tem origem comum com o grupo de Josué: trata-se de tribos do Norte que, por este pacto, aceitam a fé em lahweh e se tornam, assim, parte do Povo de Deus”.

Parece, portanto, que na Assembleia de Siquém, estavam três grandes grupos:

- 1) Os que fugiram do “país dos dois rios” (Mesopotâmia), mas permaneceram na Palestina. Seriam povos descendentes de Abraão vindos do norte da Mesopotâmia, que tinham sua sede em Hebrom, seu santuário no carvalho de Mambré (Gn 13,18; 14,13; 18,1) e conservavam a caverna funerária do patriarca em Macpela (cf. Gn 23,17-19; 25,9).
- 2) Os que entraram no Egito e fugiram em pequenos grupos em várias ocasiões para se refugiarem na Palestina. Povos descendentes de Isaac (instalados no deserto de Negheb, em torno de Bersabéia cf. Gn 26), de Jacó (que penetraram na Palestina atravessando o Jordão pelo vale do Jaboc, com santuário em frente a Siquém cf. Gn 33,18-20) e de José, com sede nas montanhas de Efraim e centro religioso em Siló.
- 3) Os israelitas e os povos que se uniram a eles, saindo de Gessen, no Egito, sob a liderança de Moisés.

Recordar para escolher: memória da História da Salvação (v. 2-13)

Josué não falou como um guerreiro, mas como um pai espiritual, convidando o povo a reconhecer tudo o que Deus fez e a decidir, livremente, a quem o povo desejava servir.

Antes de pedir uma decisão, recordou ao povo as grandes obras de Deus:

- Deus chamou Abraão, tirando-o da idolatria (v. 2-4);
- Libertou Israel da escravidão no Egito (v. 5-7a.b.);
- Conduziu o povo pelo deserto (v. 7c);
- Entregou-lhes a terra que “não plantaram” e as cidades que “não construíram” (v.8-13).

Esse longo discurso mostra que a fidelidade não nasce do medo, mas da memória agradecida. A fé bíblica é sempre memória: lembrar o que Deus fez é o primeiro passo para permanecer fiel.

A Escolha de Israel: “Eu e minha casa serviremos ao Senhor” (v. 14-24)

Depois da recordação, Josué fez o apelo: “Escolhei hoje a quem quereis servir... Quanto a mim e à minha família, nós serviremos ao Senhor.” (v.15)

Essas palavras são o coração do capítulo. Josué propõe uma decisão pessoal e comunitária, sem imposição. Deus não obriga ninguém; Ele quer ser amado e servido livremente. Isso nos mostra que a fé autêntica sempre exige uma escolha: não é possível servir a Deus e aos ídolos ao mesmo tempo.

O povo respondeu com entusiasmo: “Longe de nós abandonar o Senhor para servir a deuses estranhos!” (v.16) e “Nós também serviremos ao Senhor porque Ele é nosso Deus” (v.18).

Mas Josué, com realismo pastoral, advertiu: “Vós não podereis servir ao Senhor, pois Ele é um Deus santo e zeloso, que não suportará vossas transgressões e pecados.” (v. 19). Não se trata de desânimo, mas de advertência espiritual: servir ao Senhor não é um entusiasmo passageiro; é um compromisso exigente, que implica conversão constante e fidelidade ao longo do tempo.

O povo insistiu, reafirmou a sua decisão e Josué estabeleceu um testemunho visível: escreveu tudo “no livro da Lei” (v.26) e ergueu uma pedra sob o carvalho de Siquém, como memorial da Aliança (v.26-27).

Sentido espiritual e teológico

Este capítulo poderia resumir toda a teologia do livro de Josué:

- a) A fidelidade de Deus que cumpre suas promessas;
- b) A liberdade humana, chamada a responder;
- c) A Aliança, que é dom e tarefa ao mesmo tempo.

A Assembleia de Siquém foi, portanto, uma liturgia de escolha: o povo renovou o “sim” dito no Sinai, agora dentro da terra que o Senhor lhe deu. É como se Josué dissesse: “Agora que vocês têm tudo, ainda escolherão Deus?”

Uma nota da “Bíblia Ave Maria – edição de estudos” é bastante esclarecedora: *“Dá a impressão de que, na Assembleia de Siquém existem duas espécies de tribos: as representadas por Josué, que professam sua fé no Senhor, e outras tribos, que continuam cultuando outros deuses. A Assembleia de Siquém teria tido, portanto,*

como resultado, que todas as tribos se comprometessem a não reconhecer mais outros deuses senão o Senhor e esse reconhecimento foi referendado como um pacto. A aliança atua em uma dupla direção: vertical, pois todos os clãs e tribos se comprometem a servir com exclusividade a Javé; horizontal, porquanto a fé comum cria automaticamente entre as tribos a consciência de solidariedade e de povo”.

Ler com “os óculos do Novo Testamento”

Para nós, cristãos, Siquém pode representar o momento da decisão interior. Podemos pensar que essa Assembleia se renova em cada Assembleia Eucarística, quando Deus nos recorda suas obras (na Liturgia da Palavra) e renova a Aliança (na Liturgia Eucarística) e nós respondemos: “Amém! Sim, Senhor, queremos te servir!”

A condição é abandonar os “ídolos” ou “deuses estrangeiros”, simbolizados por tudo aquilo que ameaça a primazia de Deus em nossa vida:

- a) a autossuficiência, que faz o ser humano esquecer o seu Criador e o conduz ao diabólico “non serviam” (recusa de servir);
- b) a arrogância, que gera a falsa segurança em si mesmo e desemboca na incapacidade de confiar em Deus e de reconhecer a própria fragilidade;
- c) a prepotência, que estabelece relações de poder e dominação na família, entre os amigos, no ambiente de trabalho ou na sociedade e destrói a comunhão fraterna;
- d) a ilusão do dinheiro, dos cargos, da vaidade e do sucesso, que leva ao desprezo do próximo e ao esquecimento dos pobres;
- e) o individualismo, que isola o coração humano em suas zonas de conforto e o torna surdo ao clamor dos que necessitam.

Josué convidou o povo a escolher o Senhor como centro da existência e a viver como gente que caminha junto como “Povo de Deus”.

O Novo Testamento retoma esse espírito: Jesus também convidou os discípulos a uma escolha radical: “Ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6,24) e “Vós também quereis ir embora?” (Jo 6,67). A fé cristã não é herança automática, mas decisão renovada todos os dias.

Conclusão

A cena impressionante de Js 24 termina com Josué escrevendo e erguendo uma pedra como memorial da Aliança. Também nós precisamos dessas “pedras” na vida espiritual: sinais concretos de nossa fidelidade: a oração, os sacramentos, o serviço eclesial, a caridade.

Josué morreu logo depois, mas sua última palavra é de esperança: ele deixa um povo fiel, que aprendeu a escolher o Senhor: “Escolhei hoje a quem quereis servir... Eu e minha casa serviremos ao Senhor.” (Js 24,15).

Dr Pe Marcelo Cervi

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

Introdução, comentários e notas ao Livro do Êxodo da BÍBLIA DE JERUSALÉM e da BÍBLIA AVE MARIA – edição de estudos.

AAVV, *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, São Paulo, Loyola – Paulinas – Paulus – Academia Cristã, 20q3.

AAVV, *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia. Vol. 4: Josué – Jueces – Rut – 1-2 Samuel*, Madrid, Ciudad Nueva, 2003.

LIVERANI, M., *Para Além da Bíblia: História antiga de Israel*, São Paulo, Paulus - Loyola, 2008.

REINKE, A.D., *Aqueles da Bíblia: história, fé e cultura do povo bíblico de Israel e sua atuação no plano divino*, Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2021.

VIGINI, G., *Dizionario della Bibbia*, Città del Vaticano, L.E.V., 2016.

VON RAD, G., *Teologia do Antigo Testamento. Vol.1, 2ª ed.*, Trad. Francisco Catão, São Paulo, Aste-Targumin, 2006.